

De olho no futuro

O IX Fórum Internacional da Longevidade, organizado pelo Centro internacional da Longevidade Brasil e realizado em novembro e dezembro de 2021, trouxe palestrantes brasileiros e internacionais para discutir temas como idadismo, diversidade, proteção e segurança, e cultura de cuidado

No mundo existem hoje mais de 750 milhões de pessoas com idade acima de 65 anos, um aumento exponencial sobre os 260 milhões que havia em 1980. Segundo as projeções mais recentes, estima-se que o número de idosos no planeta atingirá cerca de 1 bilhão em 2030, 1,5 bilhão em 2050 e cerca de 2,4 bilhões no final do século 21. Somente no Brasil, os oficialmente idosos (pessoas com 60 anos ou mais) são, atualmente, mais de 33 milhões de pessoas. Estima-se que esse mesmo grupo passará a 68 milhões em 2050 – mais que o dobro em menos de 30 anos. O envelhecimento da população mundial é uma história de sucesso da humanidade: resulta de uma ampliação inédita e democrática do direito à longevidade, combinada com a redução sistemática da natalidade e, conseqüentemente, dos índices de crescimento demográfico.

Compreender a magnitude dessa transformação, as suas implicações econômicas e os impactos do envelhecimento nas múltiplas realidades sociais do nosso mundo foi o foco do IX Fórum Internacional da Longevidade. Foram seis encontros realizados entre os dias 4 de novembro e 9 de dezembro de 2021, sob a coordenação do Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR). Principal evento de divulgação e debate de questões ligadas à longevidade, saúde e bem-estar da população idosa no Brasil, o Fórum contou novamente com o patrocínio da Bradesco Saúde e Bradesco Vida e Previdência e, este ano, da empresa Biogen, além do apoio institucional da Academia Nacional de Medicina, da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – Seção Rio de Janeiro (SBGG-RJ) e do Age-Friendly Institute de Boston. A mediação dos encontros ficou a cargo do médico e gerontólogo Alexandre Kalache e da médica e pesquisadora Karla Giacomini, respectivamente presidente e vice-presidente do ILC-BR.

Cada um dos webinários foi aberto por um vídeo, no qual um palestrante internacional discorria sobre o tema do dia. Na sequência, quatro convidados – membros do ILC, chamados carinhosamente por Kalache de “pratas da casa” – davam sua contribuição sobre o assunto e respondiam às perguntas enviadas pelos espectadores. Em seguida, era feita uma sessão de comentários finais, sempre a cargo de um expert internacional, que entrava ao vivo para apresentar uma visão complementar sobre o tema. Concluindo o dia, especialistas nacionais do ILC-BR expunham ao público um resumo dos assuntos mais marcantes.

Pelo segundo ano consecutivo, em virtude da pandemia de Covid-19, o evento foi realizado de forma virtual. O tema central foi “O Futuro”, mas as conseqüências da crise sanitária global – que teve um impacto desproporcional sobre a população idosa – marcaram profundamente os debates desta edição do Fórum.

1. Os desafios do idadismo

No primeiro webinário, mediado por Alexandre Kalache, discutiu-se o preconceito etário e como ele afeta as relações sociais, com impactos nas políticas públicas, nas questões de saúde e, sobretudo, no mercado de trabalho.

O vídeo de abertura trouxe Amal Abou Rafeh, chefe do Programa para Envelhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU) há mais de 20 anos. Ela falou sobre a criação da “Década do Envelhecimento Saudável” (2021-2030) e, em relação ao cenário atual, ressaltou o rápido crescimento percentual da população idosa no mundo. Na sua opinião, o envelhecimento não deve ser visto apenas como um desafio, mas também como uma história de sucesso e uma oportunidade. Segundo Amal, a ONU está focada em apoiar as sociedades para que se preparem para

esse processo e se dediquem às mudanças que isso representa nas áreas de saúde e bem-estar dos indivíduos, fazendo ajustes nas relações econômicas e sociais, movimento essencial para um desenvolvimento sustentável.

No contexto da pandemia de Covid-19, Amal ressaltou o impacto desproporcional da crise entre os idosos e, particularmente, entre as mulheres e as populações discriminadas, já que as dificuldades comuns a todos se acumularam com as desigualdades e os velhos e arraigados preconceitos. A combinação entre envelhecimento e deficiências tem efeito similar. “Muitos governos estimulam as empresas a incluir pessoas com deficiências, mas essas políticas não necessariamente incluem trabalhadores idosos com capacidades reduzidas ou declínio funcional, já que eles não atendem às definições formais de deficiência”, ressaltou. Além disso, os preconceitos enfrentados por grupos como imigrantes e trabalhadores de minorias étnicas são, frequentemente, agravados pelo envelhecimento. “A ausência da velhice como um fator de discriminação na Declaração Universal dos Direitos Humanos é uma lacuna, e resulta em legislações nacionais contra o preconceito que não conseguem abranger a questão de uma forma holística”, disse.

Kalache ressaltou que os idosos são um grupo minoritário que não conta com uma legislação global para proteção de seus direitos, apesar de ser o grupo que mais cresce no mundo. “O Brasil não é mais um país jovem, pois tem mais de 14% da sua população acima dos 60 anos e o aumento dessa proporção continuará a ser muito rápido”, explicou. O especialista lembrou ainda os vários tipos de “ismos” que as sociedades enfrentam e, numa analogia com a frase da ativista norte-americana Angela Davis (“Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”), enfatizou que não basta não ser idadista, temos que ser anti-idadistas. E pontuou: “Os preconceitos se somam, mas o mais ‘democrático’ dos preconceitos é aquele contra o envelhecimento, que atinge a todos”. Na pandemia, isso ficou evidente: no Brasil e em outros países, houve quem defendesse que, na falta de respiradores, fosse dada preferência aos pacientes mais jovens.

“A idade é a primeira coisa que reparamos nas pessoas”, disse a gerontóloga e assistente social Marília Berzins, presidente do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE).. “O idadismo ocorre quando a idade é usada para categorizar ou dividir as pessoas, em geral cau-

“ O IDADISMO OCORRE QUANDO A IDADE É USADA PARA CATEGORIZAR OU DIVIDIR AS PESSOAS [...]. É UM GRANDE OBSTÁCULO NA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS A UM ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL.

Marília Berzins, ponto focal do ILC para envelhecimento e gênero

sando dano, desvantagem, menosprezo ou injustiça. É um grande obstáculo na implementação de políticas públicas voltadas a um envelhecimento saudável”, completou. Segundo ela, a Organização Mundial da Saúde (OMS) promove um movimento contra toda forma de discriminação, centrado em três aspectos: 1) estereótipos (o jeito que pensamos); 2) prejuízo (como a pessoa se sente em relação ao que lhe é oferecido pelo social); 3) discriminação (como atuamos em relação a essas pessoas). De acordo com Marília, a raiz da violência que existe contra o idoso é fruto dessa discriminação etária. O preconceito, ressaltou, está presente inclusive no Estado brasileiro, como mostrou a fala do ministro da Economia, Paulo Guedes, que apontou como um problema para o país o fato de as pessoas quere-rem viver mais de 100 anos.

O segundo convidado foi o médico nefrologista Egidio Dorea, que trouxe dados de uma pesquisa sobre envelhecimento ativo realizada pela Universidade de São Paulo (USP), destacando alguns mitos que fomentam o idadismo. Foram 372 pesquisados, com média de idade de 58 anos, dos quais 254 eram mulheres. Segundo o estudo, 93% acreditavam na existência do preconceito etário, 94% concordavam com a definição do idadismo (ato de criar estereótipos, via de regra negativos, e discriminar pessoas por serem, ou parecerem, mais velhas) e 84% já haviam presenciado situações de idadismo ou sido vítimas do preconceito. Além disso, 62% achavam que as pessoas podem ser preconceitu-

osas sem o saber, e 40% assumiram já ter praticado ou ter tido pensamentos preconceituosos. Como locais mais comuns onde se manifesta o idadismo foram citados o ambiente de trabalho, as reuniões sociais e as redes sociais.

O pesquisador citou ainda outro estudo, feito pela OMS em 2016, envolvendo 83 mil idosos de 57 países, em que 60% disseram não se sentir respeitados. Dorea tem trabalhado atualmente em diversas campanhas de conscientização contra o preconceito etário, em parceria com o Metrô e a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do município de São Paulo.

A importância de desenvolver estratégias de combate ao preconceito foi também destacada pelo gerontólogo Maurício Einstoss, coordenador do projeto ILC-BR contra o idadismo. Segundo ele, o enfrentamento do problema exige ações integradas de todos os países. Um passo importante é a criação da Liga Ibero-Americana de Combate ao Idadismo, a ser lançada em 2022, que reunirá a experiência de nações culturalmente afinadas. “Muitas pessoas não conhecem a palavra, mas sofrem com ela, por isso temos de trabalhar coletivamente para a desconstrução do preconceito nos estereótipos que a mídia dissemina”, ressaltou. Segundo ele, é preciso se valer de política e leis, educação sobre envelhecimento e intervenções intergeracionais. Kalache enfatizou a importância da Liga, lembrando que a maior parte do material sobre longevidade é proveniente de países de cultura anglo-saxônica, muito diferente da nossa.

O painel das “pratas da casa” foi completado pela enfermeira Yeda Duarte, coordenadora do estudo SABE (Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento) na Faculdade de Saúde Pública da USP. O trabalho acompanha a população idosa de São Paulo há mais de 20 anos. Segundo ela, “a população vê os idosos como pessoas dependentes, que só recebem ajuda e concentram a atenção por demandas de saúde, na posição passiva de só receber”. No entanto, ressaltou, o Estudo Longitudinal de Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI- Brasil), coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz – Minas Gerais e pela Universidade Federal de Minas Gerais, revelou que mais de 75% da população idosa é completamente independente. “São pessoas que mais auxiliam do que recebem do entorno, contrariando o mito de dependência”, afirmou. Durante a pandemia, não era raro que uma família entrasse em situação de pobreza extrema

depois da morte de seu idoso, única fonte regular de renda de toda aquela família.

Yeda trouxe também para discussão a postura contraditória da OMS, que tentou incluir a velhice na revisão da Classificação Internacional de Doenças que entrará em vigor em 2022. Para a pesquisadora, trata-se de um equívoco. O projeto enfrentou uma crescente mobilização internacional por sua suspensão, que foi confirmada e comemorada no final de dezembro de 2021.

Respondendo a perguntas da audiência, Yeda criticou o afastamento dos poderes Legislativo e Executivo das discussões sobre o envelhecimento no Brasil. “Nossos políticos não olham para a questão da idade, e isso ficou claro na pandemia”, afirmou. O “grito em prol dos idosos” foi levado para o nível federal, mas o governo demorou mais de oito meses para liberar o auxílio emergencial destinado às instituições de longa permanência para idosos (ILPI), demonstrando uma falta de compromisso com as demandas da população mais velha. Kalache trouxe de volta o tema do envelhecimento feminino, destacando que as mulheres, em escala global, ainda são subjugadas. Ele destacou que sobretudo o Brasil profundo tem ainda um lado muito machista, mas que os homens também são, ou serão, vítimas do idadismo.

O segundo participante internacional do dia foi o empreendedor social José Carreira, um dos responsáveis pelo movimento “Stop Idadismo”, lançado em Portugal em abril de 2021. Carreira ressaltou que é preciso fazer do idadismo um desafio global, mas que também é necessário conhecê-lo e reconhecê-lo, inclusive em nós mesmos. “Se somos idadistas conosco, como não seremos com o outro?”, questiona. O idadismo, assegura ele, é a terceira principal forma de preconceito, superada apenas pelo racismo e pelo sexismo – e, frequentemente, cumulativa com eles. Um dos pontos centrais é o combate à imagem comprovadamente falsa do idoso improdutivo – “um fardo”, como ele definiu.

No encerramento do primeiro dia, coube à professora Marília Louvison e à jornalista Lilian Liang resumir as questões de destaque levantadas pelo debate. “Uma sociedade para todas as idades precisa ser anti-idadista e deve reconhecer a potência de um mundo envelhecido, e não apenas os problemas”, sintetizou Marília. Lilian ressaltou que, a longo prazo, sociedade civil e poder público, atuando de modo colaborativo, podem contribuir para a constru-

ção de políticas públicas, de fato, anti-idadistas (destacando as já existentes, como o Estatuto do Idoso). Mas enfatizou que, para combater o preconceito, é preciso mobilização popular e um poder público mais engajado.

2. Sociedade para todas as idades

O segundo webinar do fórum foi mediado por Karla Giacomini, geriatra e vice-presidente do ILC-Brasil. Karla destacou que cada um de nós está gestando sua longevidade nesse momento, e é importante saber como modificar nossos comportamentos – seja como cidadãos, seja como pessoas – para construir uma “sociedade para todas as idades”. Segundo ela, envelhecer traz a responsabilidade de pensar coletivamente sobre como fazer para que mais pessoas tenham uma velhice com qualidade. “Precisamos construir uma sociedade na qual os desafios possam ser superados pela solidariedade, pela compaixão, pelo apoio à ciência, pelo exercício da cidadania e por uma defesa incansável da democracia do valor de cada ser humano, independentemente de sua idade”, frisou.

No caso do Brasil, Karla destacou que somos uma sociedade que hoje envelhece a passos largos, sem que tenhamos resolvido os sérios problemas sociais e sanitários que há tempos nos acompanham. E lançou um convite-desafio: “Sejamos nós os construtores do nosso tempo, de uma sociedade para todas as idades, que irá proporcionar oportunidades, reduzir desigualdades e encontrar caminhos. Envelhecer interessa a cada um de nós”.

A apresentação por vídeo internacional trouxe a participação de Jody, mestre em saúde pública e diretora executiva do Age-Friendly Institute de Boston, EUA, uma organização voltada a divulgar o conceito *age-friendly*, usado para nomear iniciativas bem-sucedidas dedicadas a melhorar a qualidade de vida dos idosos nas cidades, nos locais de trabalho e nos locais de convivência. Ela enfatizou que há organizações e governos em todo o mundo buscando implantar “boas práticas” para atender melhor as crescentes populações de adultos idosos, e as mudanças já estão em curso. No entanto, muitas dessas iniciativas são fragmentadas e pouco confiáveis, além de não serem construídas a partir da perspectiva de quem irá se beneficiar delas.

“O idadismo gera uma certa complacência quando pensamos nas necessidades dos mais velhos”, ressaltou. Segun-

“ VISÍVEIS AOS NOSSOS OLHOS ESTÃO APENAS AS QUESTÕES BIOLÓGICAS E BIOMÉDICAS, MAS INVISÍVEIS ESTÃO AS QUESTÕES SOCIAIS, CULTURAIS E PSÍQUICAS – PRECISAMOS PENSAR NISSO.

Milton Crenitte, ponto focal do ILC para sexualidade e envelhecimento

do Jody, é comum que as vozes dos próprios idosos não sejam levadas em conta na criação dessas políticas por governos, universidades e empresas. “Será realmente possível criar uma comunidade para todas as idades se o idoso não tiver acesso a empregos e a serviços de saúde de qualidade?”, questionou. Vem daí a importância de priorizar as opiniões e as percepções dos mais idosos, empoderando a sua participação na validação e certificação dessas iniciativas. Ela destacou a importância de não agir isoladamente, mas de tentar construir um “ecossistema” social onde o idoso tenha participação e se sinta respeitado.

A pesquisadora do ILC-BR Ina Voelcker, atualmente trabalhando na Organização Alemã de Cidadãos Idosos (BAGSO), explicou que, no Brasil, empregou-se inicialmente o termo “amigo do idoso”, traduzido do inglês *age-friendly*, mas que desde 2013 prefere-se utilizar a expressão “para todas as idades”, tendo em vista que uma sociedade amiga do idoso também é melhor para todas as pessoas. Como exemplo, citou o transporte público: se ele é melhor para os idosos, também é melhor para quem carrega uma mochila nas costas ou muitas sacolas, para quem tem deficiência física ou uma limitação temporária e até para quem usa o serviço enquanto se distrai com o celular. A “sociedade para todas as idades” favorece o convívio entre as gerações, ao mesmo tempo em que cuida bem dos mais frágeis.

Marcos Fontoura, engenheiro da empresa de transporte público mineira BH Trans e autor do livro *Transporte, Privilegio e Política*, afirmou que a mobilidade urbana das pesso-

as ainda deixa a desejar na maioria das cidades do Brasil, tanto no transporte público coletivo como nas diversas modalidades de transporte individual. O sistema de mobilidade urbana é grande e complexo: inclui os veículos, mas também as ruas, as calçadas, os semáforos, as travessias etc. No Brasil, onde a maioria dos sistemas é insatisfatória, a possibilidade de fazer escolhas sobre como se deslocar torna-se, usualmente, mais um privilégio do que um direito. “Na maioria das vezes, somos reféns das escolhas que fizeram para nós”, apontou.

Emílio Moriguchi e João Senger, médicos do Instituto Moriguchi de Porto Alegre (IMPA), expuseram o projeto direcionado ao envelhecimento ativo que é realizado desde 1994 na cidade de Veranópolis, na serra gaúcha. Uma das localidades com maior percentual de idosos do país, além de um índice de qualidade de vida extremamente alto, Veranópolis é o primeiro município brasileiro reconhecido como “amigo de todas as idades” através do estudo conceitualizado e coordenado pelo ILC-Brasil com a parceria do IMPA e o apoio das instituições locais. Senger explicou que, para que a cidade conquistasse esse título, foi preciso um entrelaçamento entre o poder público, a iniciativa privada e a universidade. A primeira etapa foi escutar as demandas dos moradores mais idosos da cidade, uma tarefa que contou com grande apoio e compreensão por parte da população, acostumada há décadas a ter uma postura de respeito com os habitantes mais velhos.

Daniele Vieira, professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), enriqueceu a discussão trazendo dados de pesquisas realizadas no âmbito do projeto piloto Bairro Amigo do Idoso, que está sendo desenvolvido na região do Sítio dos Pintos pela Gerência da Pessoa Idosa da prefeitura de Recife, em resposta a um convite feito pelo presidente do ILC-Brasil à UFRPE e à Prefeitura de Recife em 2019. Durante a pandemia, os pesquisadores locais, em parceria com o ILC-BR, fizeram um estudo no qual 69% dos idosos se declararam esperançosos com o fim da pandemia e motivados para retornar à vida ativa, mesmo que para isso fosse preciso aprender habilidades novas e se envolver com outras atividades. Além disso, as regras de isolamento em função da pandemia demonstraram que esse público está aberto à incorporação de novas tecnologias em sua vida cotidiana, como celulares e redes sociais.

“Com a mente ocupada, sou mais feliz”, resumiu um dos idosos que participaram da pesquisa.

Segundo Karla Giacomini, quem pode falar com propriedade sobre “envelhecer na cidade” são as pessoas que, de fato, envelhecem nessa cidade. Ela citou exemplos de dificuldades que são impostas por cidades hostis ao envelhecimento ativo, com destaque para os problemas de segurança pública e a precariedade da mobilidade urbana. Mesmo os idosos que vivem em áreas planas têm medo de sair de casa, em razão das dificuldades para caminhar, seja pela falta de estrutura adequada, seja pela violência do entorno. Frequentemente não há oferta de banheiros e de bancos para “carregar as baterias”. Karla enfatizou ainda que algumas medidas de superproteção tiram dos idosos sua autonomia e o desenvolvimento de suas habilidades, com a justificativa de que os estamos protegendo.

A programação do dia seguiu com a intervenção da gerontóloga Silvia Gascon, professora da Universidade ISalud de Buenos Aires e autora do livro *Velhice e Pobreza na Argentina: A Visão dos Idosos*. Na sua opinião, o ponto central desse debate está na necessidade de construir um mundo mais solidário, justo, generoso e igualitário. A América Latina não é o continente mais pobre, porém é o mais desigual de todo o mundo. E a pandemia evidenciou ainda mais essa situação: nas crises, os que perdem são sempre os mais pobres. A especialista ressaltou que, na distribuição das vacinas contra a Covid-19, também houve concentração em alguns poucos países, ao passo que muitos ainda enfrentam dificuldades para ter acesso a esse direito. Na opinião de Silvia, a tarefa de construção de uma nova sociedade é necessariamente coletiva: é preciso fazer acordos com os centros de longevidade, os centros de pesquisa e trabalhar juntos, seja no setor público, no setor privado ou na academia, inclusive para além das salas de aula. “Há que trabalhar com as cidades e contagiar as pessoas com otimismo, em meio a esse desamparo”, afirmou. Citando o papa Francisco, ela disse que “há que fazer alguma bagunça, gerar barulho e esperança, mas entendendo a esperança não como espera, mas como ação”.

Encerrando o webinar, a síntese do dia ficou a cargo do médico sanitário Antônio Caldeira e da professora Benenice Werle. Caldeira, que foi membro do Conselho Municipal do Idoso de São José do Rio Preto (SP), relembrou sua

participação na elaboração do plano que pretende fazer de Rio Preto uma cidade para todas as idades. Berenice, que atua no Instituto Moriguchi, destacou que muitos problemas são mais fáceis de ser resolvidos em cidades menores do que nas grandes metrópoles – como é o caso da segurança pública e do transporte urbano. Ela reforçou ainda que a pandemia ajudou no processo de inclusão digital dos idosos e no desenvolvimento de novas modalidades de trabalho em comunidade.

3. Diversidade e inclusão

O terceiro webinar teve como ponto central a discussão sobre o desenvolvimento de políticas inclusivas capazes de atender, proteger e garantir os direitos da população idosa em toda a sua múltipla diversidade – uma questão também profundamente impactada pela pandemia de Covid-19. O médico Alexandre Kalache abriu o evento destacando que, graças à longevidade, “a vida deixou de ser uma corrida de 100 metros para se transformar cada vez mais em uma maratona. As maratonas reservam surpresas – nem sempre as surpresas que gostaríamos de ter”. Isso aumenta a importância de desenvolvermos a capacidade de proteger a nós mesmos, assim como os que estão ao nosso redor.

O vídeo internacional trouxe uma palestra da cientista social nigeriana Sofiat Akinola, que nos últimos três anos foi a principal coordenadora das atividades do Fórum Econômico Mundial para as questões específicas da longevidade. Sofiat destacou que envelhecer bem é uma prioridade global, mas que as desigualdades entre os países e entre os diversos segmentos da população tornam fundamental o debate em torno da inclusão. A mensagem-chave é que cada pessoa envelhece de maneira diferente, mas há uma tendência no discurso em tratar todas as velhices de uma única forma. É preciso encontrar maneiras para que as vozes e as necessidades das pessoas idosas, em suas múltiplas identidades, sejam ouvidas – e que esses grupos se sintam representados nas políticas. “A pandemia jogou luz sobre questões centrais: todas as vidas importam, ninguém deve ser deixado para trás e a inclusão é, mais do que nunca, fundamental”, disse. Entre as iniciativas internacionais recentes, Sofiat destacou a importância das carteiras de saúde da mulher, que abordam os cuidados com a saúde ao longo da vida, contemplando as ques-

“ UMA IDEIA PROBLEMÁTICA É QUE 'ENVELHECER BEM' É ENVELHECER COM APARÊNCIA JOVEM, SEM DEFICIÊNCIAS E COM UMA SAÚDE PERFEITA. ESSE TIPO DE PENSAMENTO NEGA O ENVELHECIMENTO E DISCRIMINA AQUELES QUE ACABAM POR 'ENVELHECER MAL'. Ashton Applewhite, autora e ativista

tões específicas de gênero, e a urgência em construirmos um “ecossistema” social que seja mais amigável e inclusivo com toda a população idosa.

O primeiro debatedor do ILC-BR foi o fisioterapeuta Alexandre Silva, que abriu sua fala ressaltando que, no Brasil, não se pode falar em diversidade sem levar em conta a desigualdade social. Mais da metade da população brasileira se autodeclara preta ou parda, mas esse número cai para 48% entre os idosos – o que revela que o envelhecimento não se dá por igual, se considerarmos a cor da pele. Silva elencou que há hoje no país grandes problemas, “a começar pelas desconstruções de políticas, de programas e de ações, que acabam deixando muitos grupos afastados do direito à cidadania”. Ele destacou ainda a polarização política, a desinformação e a violência cotidiana – que se somam à grave questão das sequelas físicas e emocionais deixadas pela Covid-19. Segundo ele, o atual cenário de precarização das relações de trabalho e o aumento do desemprego impactam duramente a população idosa mais pobre, que hoje não conta com sistemas que lhe ofereçam aprendizagem ao longo da vida. Por fim, faltam programas sociais que acolham não apenas os negros idosos, mas também outros grupos sociais, como os LGBTQIA+, quilombolas, ribeirinhos, imigrantes etc – que hoje enfrentam uma realidade de insegurança alimentar e fome.

Milton Crenitte, geriatra e chefe da clínica de sexualidade e envelhecimento do Hospital das Clínicas da Faculdade

de Medicina da Universidade de São Paulo, ressaltou a necessidade de trazer para o debate público e para a vida das pessoas idosas temas que já não deveriam mais ser tabu, ligados ao sexo e ao prazer. Segundo ele, a sexualidade humana é como um iceberg, do qual se enxerga apenas uma pequena parte: “Visíveis aos nossos olhos estão apenas as questões biológicas e biomédicas, mas invisíveis estão as questões sociais, culturais e psíquicas – precisamos pensar nisso”. Ele ressaltou, ainda, que a geriatria dá importância muito maior à sexualidade masculina que à feminina, já que – numa sociedade marcada pelo machismo – a sexualidade da mulher é deixada de lado a partir do momento em que não é mais vista como objeto de desejo do homem. No entanto, embora menos que a mulher, o homem idoso também é vítima do machismo, numa sociedade que o enxerga como impotente. “É preciso que as pessoas idosas falem sobre isso e que descubram seus corpos como fonte de prazer, já que nosso principal órgão sexual está entre as orelhas, e não entre nossas pernas”, conclui.

O jovem jornalista Yuri Fernandes, que desenvolve desde 2018 um trabalho voltado à diversidade sexual da população idosa, destacou que a comunidade LGBTQIA+ vive à margem da sociedade, mas que, dentro dela, há grupos que são ainda mais marginalizados – como é o caso das pessoas trans e travestis, e das pessoas idosas. Sua série de vídeos “LGBT+60: Corpos que Resistem” mostra, por meio de entrevistas, a trajetória de idosos que enfrentaram a intolerância, abrindo caminhos para as novas gerações. “Algumas pessoas, como a travesti Martinha, hoje com 62 anos, foram presas mais de 200 vezes durante a ‘caça às bruxas’ da ditadura militar, por vezes apenas por ser travesti e ir até a padaria comprar pão”, relatou.

Karla Giacomini, vice-presidente do ILC-BR, reforçou que, quando se fala em inclusão no Brasil, é preciso ter uma abordagem muito ampla – e que a Covid-19 tornou visíveis as mazelas do país, de forma brutal e incontestável. “A falta de políticas de cuidado atinge as pessoas de qualquer gênero e de qualquer cor, mas somos obrigados a reconhecer que a desigualdade mata, empobrece o país e impede um futuro de qualidade para todos – mesmo para aqueles que dispõem de recursos ou de mecanismos para resolver questões pessoais de educação, saúde e moradia”, afirmou.

Isso fica evidente quando se pensa na parcela da popu-

lação idosa que demanda cuidados e que vive em residências coletivas. Até o início da pandemia não se sabia sequer quantos eram, onde estavam, como e por quem eram cuidados. Esse quadro só foi mudado graças a uma iniciativa exitosa da sociedade civil, que resultou na criação da Frente Nacional de Fortalecimento à ILPI. Mesmo assim, no nível federal, o Estado paga hoje apenas 44 reais mensais por idoso internado em uma ILP, um valor muito aquém das reais necessidades.

No debate, Crenitte lembrou que, dentro da população LGBTQIA+, a classificação dos mais idosos como “grupo de risco” para a Covid-19 significa uma nova experiência de estigmatização. Muitos, quando mais jovens, já sofreram esse tipo de preconceito nos anos 1980, quando da chegada do HIV. Karla ressaltou que a iniciativa da OMS de considerar a velhice como doença pode servir como justificativa para essa falta de assistência aos idosos: “Afim, se todos estão doentes e vão morrer de velhice, para que cuidar?”, perguntou.

Dando continuidade, foi chamado para o debate o advogado Adams, CEO da SAGE (Services and Advocacy for LGBTQ+ Elders), uma organização nascida em Nova York e voltada à defesa dos direitos da população idosa LGBTQIA+. Embora somem cerca de 4 milhões de indivíduos que assim se autodefinem, ele destacou que esse é hoje um dos grupos sociais mais marginalizados nos EUA. “Como nós podemos falar das necessidades da população idosa que não é heteronormativa se não conseguimos falar nem de sexualidade e envelhecimento?”, questionou. E, se houve alguns progressos nos últimos anos em relação à agenda LGBTQIA+, continuou, eles se devem aos esforços heroicos da população hoje idosa, que abraçou essa pauta nas décadas passadas, em condições muito difíceis. Hoje, grande parte dessas pessoas – que não tiveram filhos e perderam os vínculos familiares – enfrenta muitas dificuldades quando mais necessita de assistência.

A programação do dia foi encerrada com a participação de Daniel Azevedo, da SBGG-RJ, e de Diego Felix Miguel, da ONG Eternamente Sou, que apresentaram ao público o livro *Introdução às Velhices LGBTQIA+*, obra que está disponível gratuitamente na internet (inclusive nos sites da SBGG-Rio e do ILC-BR) e acaba de ganhar uma versão traduzida para o inglês por iniciativa da SAGE.

Michael Adams explicou que traduziu o livro por sua importância e ineditismo – não há nenhuma publicação parecida com essa, segundo ele. “Queríamos que esse material estivesse disponível para muitas pessoas, pois é um recurso muito importante”, resumiu.

4. Proteção e segurança

O tema do quarto encontro foi classificado pelos participantes como essencial para a qualidade de vida da população idosa e, provavelmente, o maior desafio da longevidade. Afinal, como assegurar proteção e segurança na velhice? Segundo Alexandre Kalache, mediador da mesa, envelhecer protegido, amparado, deve ser um direito de todos.

O encontro começou com a palestrante internacional Margaret Gillis, presidente do Centro Internacional da Longevidade (ILC) do Canadá, que apresentou dados estonteadores de seu país em relação à pandemia – uma situação que deveria ser inadmissível, especialmente em um país como o Canadá, que é “uma nação rica e considerada um dos melhores lugares do mundo para viver, com acesso à saúde e outros direitos”. “Não me lembro de nenhuma outra época em meu país em que princípios básicos tenham sido tão desrespeitados”, declarou. Ela se referiu a mortes de um grande número de idosos, em ILPIs, em meio à pandemia de 2020: 85% do total de mortos em 2020 foi de residentes em ILPIs. As mortes ocorreram, na sua maioria, porque muitos funcionários abandonaram os idosos residentes.

Entre junho e julho de 2021, um outro episódio no Canadá, novamente envolvendo idosos em ILPIs, escancarou a falta de proteção durante uma excepcional onda de calor que acometeu a região de Alberta. “O sistema de saúde estava à beira de um colapso e não deu conta de atender essas pessoas mais velhas, que pagaram com suas vidas”, disse Margaret. Inúmeros idosos passaram por um sofrimento desnecessário, fruto do abandono e do descaso, que culminou em tantas mortes evitáveis, segundo a palestrante. “Foi um ataque aos seus direitos humanos”, disse. Ela frisou que o ILC Canadá apoia a campanha envelhecer com direitos, para enfrentar o problema do idadismo, uma das causas por trás das mortes. “A pandemia nos ensinou que precisamos de mudanças sociais, que depende de todos nós, governo, sociedade civil e cidadãos”, afirmou. Kalache ressaltou a importância e a necessidade de prestar atenção na

“ SEJAMOS NÓS OS
CONSTRUTORES DO NOSSO TEMPO,
DE UMA SOCIEDADE PARA TODAS AS
IDADES. Karla Giacomini, vice-presidente
do ILC e vencedora do Prêmio Zilda Arns
de Direitos das Pessoas Idosas 2021

proteção e no cuidado que temos para com nossos idosos em situações de crises e de emergência.

Para dar continuidade ao debate, a gerontóloga Inês Riotto tratou do tema da moradia e sua relação com o envelhecimento. A pesquisadora lembrou que “moradia” é o espaço onde a vida acontece, e é um direito universal, assegurado pelo Estatuto do Idoso. “É lá que vivenciamos emoções e onde se constroem lembranças”, pontuou. No entanto, continuou, nem todos têm esse direito, especialmente quando pensamos na população negra, LGBTQIA+ e naqueles em condição de rua. Segundo ela, a solução para isso seria ampliar as ILPIs públicas, que hoje existem em número muito pequeno no Brasil. Trata-se de uma necessidade urgente, pois muitas famílias não podem ficar com seus idosos, já que todos na casa precisam trabalhar e/ou estudar.

Dentro do tema da empregabilidade, considerado essencial na construção de uma velhice com qualidade de vida, Mórri Litvak, CEO da Maturi, falou sobre as oportunidades de trabalho para quem está na faixa dos 50+. Segundo ele, o idadismo nas empresas é um fato concreto, que precisa ser combatido e que já dá alguns sinais de esmorecimento, ainda que de forma tímida. No entanto, Litvak ressaltou que o trabalho na maturidade está intimamente relacionado a políticas de aprendizagem, que devem ser oferecidas para todos ao longo da vida. Isso irá proporcionar novas habilidades e qualificações, necessárias em todas as fases da existência. “A intergeracionalidade no ambiente de trabalho é algo que muitas empresas têm levado em consideração. O mercado consumidor também está envelhecendo e o mundo corporativo precisa estar preparado para essa nova realidade”, disse o CEO da Maturi.

Estimativas apontam que, em 2040, 57% da força de trabalho no Brasil terá mais de 45 anos. “As empresas terão que contratar esse profissional mais velho, e é fundamental que ele esteja apto para disputar novas oportunidades”, disse Litvak. Ele pontuou ainda que hoje, mais do que nunca, é preciso criar alternativas ao emprego tradicional, como forma de obtenção de renda. “Fazemos muitas ações para capacitar pessoas para que empreendam, para que sejam autônomas, porque não há emprego para todos”, explicou.

A geriatra Karla Giacomini, responsável pela criação da Frente Nacional de Fortalecimento à ILPI, no início da pandemia no Brasil, afirmou que, numa perspectiva de longevidade, o trabalho em rede é essencial, pois ninguém se fortalece sozinho. A frente que lidera foi responsável por impedir que ocorresse no Brasil uma tragédia similar à do Canadá – ou Espanha, Itália, Grã-Bretanha. Defensora das ILPIs, Karla afirma que é preciso acabar com o preconceito que existe contra esse tipo de instituição, pois há muitos idosos que não têm quem cuide deles.

A geriatra Maisa Kairalla, presidente da Comissão de Imunização da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, ressaltou a importância da prevenção, especialmente no que se refere aos esquemas vacinais do Brasil – que protegem os idosos de doenças que os deixam ainda mais vulneráveis, como gripe, pneumonia, meningite e outros problemas infecciosos, além da própria Covid-19. Segundo os participantes, apesar das notícias falsas sobre a Covid-19 divulgadas em nosso país e dos negacionistas da ciência, tem havido no Brasil uma excelente adesão à vacina, graças aos esforços feitos no passado nesse sentido. “No entanto, o país ainda tem muitos problemas para enfrentar”, ressaltou Maisa. Entre eles, ela apontou a pouca qualificação dos médicos e outros profissionais da saúde para lidar com idosos. “Há que investir mais em educação, qualificação, esse é outro desafio”, disse.

Dessa sessão participou também Silvia Perel-Levin, presidente da Aliança de ONGs em defesa de direitos dos idosos junto à Organização das Nações Unidas, em Genebra. Ela lembrou que os idosos compõem o único grupo etário que ainda não dispõe de um instrumento legal vinculante em âmbito internacional, o que pode ser considerado uma forma de discriminação.

Encerraram a sessão Ana Amélia Camarano, economis-

ta, e Laura Machado, psicóloga, ambas gerontólogas. Laura afirmou que, há cerca de 20 anos, quando começou a trabalhar com o tema da velhice, ela o enxergava como objeto de estudo. Hoje, já idosa, se vê como sujeito do estudo. Para ela, o que fica de tantos anos envolvida com as questões da longevidade é a lição de que o tempo passa rápido demais, mas as políticas custam a ser implementadas. Laura concluiu, junto com Ana Amélia, que o mundo só irá caminhar mais rápido nesse sentido se houver união e constituição de redes colaborativas. Ana pontuou que a pandemia acelerou ainda mais o envelhecimento. “Houve em 2020 mais mortes do que nascimentos e temos que estar atentos a essas mudanças. O brasileiro ainda tem alguma proteção de renda, mas, com a reforma da previdência e a precarização do trabalho que estamos vendo hoje, a tendência é que isso diminua”, alertou.

O quarto encontro contou com uma fala de Jorge Nasser, diretor-presidente da Bradesco Vida e Previdência, que ressaltou o fato de a longevidade já estar hoje presente na vida de milhões de brasileiros. Dentro desse contexto, ele observou que a qualidade de vida nessa fase ampliada da existência é o primeiro aspecto que merece atenção urgente quando se trata do assunto. Isso engloba ainda, segundo ele, convívio social, relacionamentos, saúde e planejamento financeiro, temas que há tempos merecem atenção da Bradesco Vida e Previdência. Ao final, Nasser agradeceu especialmente a todos os profissionais que emprestam seu talento e dedicação para a realização de cada edição do Fórum.

5. Sessão conjunta com o ILC do Reino Unido

O envelhecimento é heterogêneo, e não se deve, de forma alguma, estabelecer um estereótipo do que é um idoso. Ao falar sobre o tópico, é preciso levar em conta diversas populações: mulheres, LGBTQIA+, população carcerária, negros e outras minorias. Dentro dessa perspectiva, o envelhecimento deve ser interseccional. Essa foi a tônica do quinto webinar do IX Fórum, que foi realizada ao vivo, e contou com a participação de representantes do ILC do Reino Unido e do professor Kalache.

O primeiro painel de debate teve como tema “Recalibrando o envelhecimento: como será o futuro do envelhecimento?”. Alexandre Kalache abriu a discussão afirmando que a pandemia trouxe à tona a ideia de que não há um

idoso típico: nem todos vão passar sua aposentadoria em um cruzeiro ou em férias. E a maior parte também não irá viver em casas de repouso nem na casa dos filhos. “Queremos que a nossa resposta para a longevidade tenha relação com essa realidade. Nós queremos uma sociedade que seja para todos, independentemente de sua idade, de seus objetivos, etnia, identidade sexual ou crenças”, disse.

Nancy Kelley, executiva da Stonewall UK, organização britânica de proteção dos direitos humanos da população LGBTQIA+, pontuou que as pessoas não cis hétero, ao envelhecerem, carregam consigo experiências de vida muito únicas, além de uma grande habilidade de se reinventarem e reinventarem o mundo ao seu redor – porque tiveram de fazer isso durante toda a vida. Elas também possuem uma grande habilidade em formar grupos e famílias, e muita resiliência. Apesar disso, estão em posição de vulnerabilidade, por viverem em uma sociedade que as discrimina. E, à medida que envelhecem, essa vulnerabilidade só aumenta. Há mais dificuldade em acessar um sistema de saúde que atenda suas necessidades e que lide com suas identidades de maneira correta. A saúde mental, em especial, é um grande desafio. Pessoas LGBTQIA+ estão mais isoladas: a maior parte não é casada, vive sozinha e raramente tem contato com sua família biológica. Nancy acredita que todos os cuidadores de idosos deveriam ter ao menos um treinamento mínimo a respeito de pessoas LGBTQIA+, a fim de que sejam mais bem preparados.

Na sequência, Lidia Best, da Associação Nacional de Pessoas Surdas do Reino Unido, disse que a associação foi criada porque existiam poucos deficientes auditivos ativos politicamente, além de falta de representatividade. “Há uma grande dificuldade em incluir deficientes auditivos na sociedade. Trata-se de um grupo muito heterogêneo: nem todos são completamente surdos e nem todos sabem usar a linguagem de sinais.” Ocorre, ainda, que a surdez é usada como insulto – o que só contribui para o estigma – e muitas pessoas são mal-informadas a respeito de recursos que podem ajudá-las, como aparelhos auditivos gratuitos. “A dificuldade em escutar acaba dificultando a independência das pessoas, em especial durante o envelhecimento”.

Para falar sobre pessoas com deficiência, participou também a ativista Sophia Kleanthous. “Existem duas visões em relação a pessoas com deficiência: o modelo médico –

“**SERÁ REALMENTE POSSÍVEL CRIAR UMA COMUNIDADE PARA TODAS AS IDADES SE O IDOSO NÃO TIVER ACESSO A EMPREGOS E A SERVIÇOS DE SAÚDE DE QUALIDADE?**
Jody Shue, diretora executiva do Age-Friendly Institute de Boston

que defende a deficiência como um problema estritamente físico e que busca ‘curar’ as pessoas – e o modelo social, que vê a sociedade (e não a condição física) como a maior barreira para essas pessoas.” Segundo Sophia, mais de 40% dos idosos ao redor do mundo possuem algum tipo de deficiência moderada ou grave. E boa parte das pessoas com deficiência ao redor do mundo vive na pobreza extrema.

Barbara Burton, da organização Behind Brass, que apoia mulheres ex-presidiárias, juntou-se ao debate falando sobre a situação da população carcerária idosa. Barbara ficou presa por 12 meses quando tinha 55 anos e percebeu que as pessoas ao seu redor eram ou muito jovens ou já idosas. Muitas acreditavam que aquilo seria o fim de suas vidas, mas, para Barbara, foi apenas o começo. Ela prova que, apesar da idade, é capaz de fazer tudo aquilo que os mais jovens fazem.

“É necessário ver que a história da nossa sociedade e das pessoas que estão envelhecendo é uma história de diferenças. Não há apenas um modelo do que é uma pessoa idosa, e a diversidade deve ser levada em consideração”, disse a consultora Kate Jopling. E deu alguns exemplos: “Há muitas pessoas que envelhecem sem ter filhos, e que muitas vezes são excluídas. Envelhecer com uma deficiência é muito diferente de desenvolver uma depois de mais velho. Também devem ser levadas em consideração as condições de moradia das pessoas. Envelhecer em um ambiente rural é diferente de envelhecer em um ambiente urbano”. As minorias sofrem muito durante o envelhecimento e há pessoas que ficam muito isoladas durante esse processo. Segundo Kate, todas essas diferenças devem ser observadas na

criação de políticas públicas: “Um estímulo para essa mudança seria começar a pensar nas pessoas mais velhas como ‘nós’ e não como ‘eles’”.

O segundo painel do dia teve como assunto “Isso não está certo: desafiando a discriminação em um mundo cada vez mais diverso”, e foi aberto pela autora e ativista norte-americana Ashton Applewhite. Ela afirmou que “sem grandes mudanças na nossa cultura não será possível aproveitar as nossas vidas ao máximo durante o envelhecimento. É necessário educar as pessoas globalmente a respeito do idadismo, um tipo de preconceito que todos enfrentam, desde pessoas jovens até os idosos”. Applewhite destacou ainda o papel da mídia nesse contexto, já que a cobertura a respeito do envelhecimento costuma ser negativa, passando a ideia de que os idosos se aproveitam de tudo que há na sociedade. Segundo ela, esse preconceito contra pessoas idosas acaba causando inclusive problemas para a economia, já que pessoas mais velhas têm menos acesso a empregos, mesmo quando ainda são capazes de trabalhar. A autora enfatizou que a longevidade não é um problema, mas um triunfo da saúde e da medicina moderna; e que colocar a culpa dos problemas globais nos idosos é apenas um modo de obscurecer os problemas reais causados pelo capitalismo. O verdadeiro problema é o idadismo, que acaba sendo uma forma de justificar o abandono que os idosos sofrem em nossa sociedade. “Uma ideia problemática é que ‘envelhecer bem’ é envelhecer com aparência jovem, sem deficiências e com uma saúde perfeita. Esse tipo de pensamento nega o envelhecimento e discrimina aqueles que acabam por ‘envelhecer mal’”, esclareceu. Desafiada por Alexandre Kalache, que lhe perguntou se ela discordava da adoção do código “velhice” na Classificação Internacional de Doenças, sua resposta foi categórica: “Sim”, ressaltando que se trata de uma ação idadista.

Elizabeth White, *keynote speaker* deste quinto evento do Fórum, falou também sobre o mercado de trabalho. Ela contou que tentou retornar ao mercado aos 55 anos e enfrentou grandes dificuldades. Segundo ela, cerca de metade dos trabalhadores norte-americanos com mais de 50 anos é dispensada de seus empregos. Desses, apenas 10% irão conseguir novos trabalhos que sejam equivalentes em salário e status. A sociedade é levada a acreditar que, ao envelhecer, as pessoas se tornam incompetentes e incapazes de realizar

trabalhos mais complexos. Mas, com o aumento da expectativa de vida, hoje é inviável que as pessoas se aposentem aos 65 anos e sejam capazes de se manter até o final da vida. Por esse motivo, muitas são levadas à pobreza. Elizabeth ainda enfatizou que os idosos não apenas querem trabalhar como precisam trabalhar para sobreviver. E muitos acabam isolados, com vergonha de estar passando por essa situação.

“Nossa cultura nos faz acreditar que, se alguém está desempregado, é por sua própria culpa”, disse. Ela reforçou que é necessário que se cobrem políticas que forneçam segurança para pessoas em situações de fragilidade e que se façam campanhas para mudar a maneira como vemos o envelhecimento, a longevidade e a segurança de aposentadoria. Além disso, é essencial que sejam fornecidos treinamentos a fim de capacitar pessoas mais velhas para os trabalhos do futuro. Por fim, destacou o valor de lutar pelo fim do idadismo no ambiente de trabalho. Kalache concordou: “O envelhecimento é heterogêneo e diverso, e as escolhas e as oportunidades pelas quais um indivíduo passa durante a sua vida são de grande importância”. Segundo ele, a interação entre os diferentes tipos de preconceito está tornando o envelhecimento mais complexo.

Susana Harding, diretora sênior do ILC Cingapura, James Saunders, CEO do ILC Austrália e CEO da Associação Australiana de Gerontologia, e Jean Accius, vice-presidente sênior da AARP Global Thought Leadership, participaram do último painel, que foi mediado pelo professor Kalache, intitulado “Olhando além do horizonte: o debate internacional e o que acontece depois”. Segundo Susana, o envelhecimento da população apresenta uma relação com gênero, portanto é imprescindível que esse fator seja considerado no desenvolvimento de políticas públicas. As mulheres têm uma vantagem em relação aos homens quando se trata de expectativa de vida, mas estão em desvantagem no critério qualidade de vida. Estatisticamente, as mulheres sofrem mais com deficiências, solidão e depressão do que os homens. As questões LGBTQIA+ também devem ser levadas em consideração ao se tratar do envelhecimento, já que as minorias enfrentam mais problemas econômicos e de saúde – e se tornam mais vulneráveis por causa de uma vida de stress causado pela discriminação que sofrem.

“Nós, como indivíduos, somos capazes de mudar o mundo”, afirmou Accius. Segundo ele, nós podemos criar um

novo futuro e não devemos nos isolar enquanto a sociedade passa por desafios. Para isso, é preciso considerar a nossa interdependência, criar coragem e agir para gerar mudanças. “Ser interdependente é a única maneira de alcançar a verdadeira e duradoura independência. Dar apoio para a nossa população em envelhecimento vai demandar um esforço coletivo, que deve ser feito por todos nós”, finalizou.

Para Saunders, é preciso que as pessoas que pertencem aos grupos minoritários se empoderem para envelhecer com dignidade, o que inclui questões de raça, gênero, capacidade funcional. Na medida em que as pessoas que constituem esses grupos se empoderaram, elas têm mais chances de ficarem velhas e de terem uma velhice digna. Ele pondera que o ageísmo e outros preconceitos têm impacto negativo no crescimento e desenvolvimento econômico.

Ao final desse painel, Kalache disse que a fala de Saunders contém mensagens importantes. “Quando nos empoderamos para envelhecer com dignidade, estamos empoderando os grupos minoritários”. Ele afirmou ainda que é preciso focar agora em criar um ecossistema mais amplo e *age-friendly*, e que isso possa ser sentido no âmbito social, com impacto na saúde e no trabalho. Por fim, Kalache afirmou que sem educação “não será possível fazer da revolução da longevidade uma experiência de sucesso”.

6. Desenvolvendo uma cultura do cuidado

Alexandre Kalache deu início ao sexto e último encontro do Fórum Internacional da Longevidade ressaltando a importância do tema a ser tratado. Debra Whitmann, vice-presidente da American Association of Retired Persons (AARP), pontuou que a pandemia de Covid-19 tornou mais evidente a necessidade de cuidar das pessoas mais velhas em todo o mundo. “Essa situação, no entanto, não acaba com a pandemia. Até meados do século 21, um sexto da população do mundo terá mais de 65 anos. E 80% dos adultos estarão vivendo em países de baixa e média renda”, afirmou.

Diante desses dados, são muitos os desafios pela frente. Debra chamou atenção para o gigantesco número de cuidadores de idosos, que supera o número de profissionais da saúde. Somente nos EUA, disse ela, há um exército invisível de mais 48 milhões de cuidadores, sendo que 6 em cada 10 são mulheres. “Os desafios são semelhantes em todo o mundo: muitos assumem responsabilidades médicas, cui-

dando de seus familiares em casa, sem ter qualificação para isso”, alertou. Isso mostra que o sistema está falhando, mesmo nos países mais ricos. Hoje, os cuidadores precisam de mais recursos para continuar seu trabalho. “Precisam de orientação, assistência financeira, políticas governamentais, apoio de empregadores e ser reconhecidos no sistema de saúde como membros da equipe”, afirmou Debra.

A fisioterapeuta Monica Perracini ressaltou que qualquer um de nós pode precisar de cuidados ao longo da vida, não apenas na velhice. Nessa fase da vida, porém, pelo menos dois terços da população idosa precisam em algum momento de atenção especial. “O que vemos hoje é que 140 milhões de pessoas idosas no mundo, em torno de 14% da população idosa mundial, não têm cuidados de longo prazo atendidos, segundo a OMS. São pessoas que não podem contar com ninguém, porque não têm quem cuide delas, e seus países não têm políticas e sistemas preparados para fazer frente a isso”, afirmou Monica. Ela ressaltou a urgência na resolução dessas questões. “Ou pensamos nisso para ontem ou vamos ter insuficiência de cuidados, porque a rede informal está encolhendo”, disse. De alguma forma, a Covid-19 trouxe esse debate mais rapidamente à tona. Ela também afirmou que a OMS está preocupada com isso, preparando documentos para ajudar países a implantar políticas de cuidado. “Para tanto, é preciso ter vontade política e visão, o que nem sempre os governos têm”, frisou.

Na sequência, Kalache convidou o jornalista Fernando Aguzzoli para falar sobre o tema. Quando bem jovem, Fernando se dedicou plenamente a cuidar da avó com Alzheimer. Com base em sua experiência, ele defende que, mais do que construir uma cultura do cuidado, o Brasil precisa desconstruir a cultura do cuidado que hoje existe. “Eu sofri preconceito por ‘parar minha vida’ para cuidar de minha avó, mas com ela construí uma reserva afetiva, muito importante no processo de envelhecimento”, assegurou.

O psicanalista Fernando Genaro lembrou que a palavra “cuidado” deriva do latim, da palavra cura. “A cultura do cuidado precisa se inspirar mais nessa origem”, disse, ressaltando que a ética do cuidado precisa vir antes da técnica. Em ambientes hospitalares, é esse cuidado humanizado que tanto faz falta. “Reconhecemos que, para além da técnica, o encontro humano, quando acontece, é muito potente”, completou.

Médico de família na comunidade da Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro, Eberhart Portocarrero-Gross trouxe ao debate a seguinte questão: “Que tipo de cultura de cuidado podemos construir no presente para encontrar algo melhor amanhã?”. Um aprendizado que ele espera que tenha ficado para o mundo, durante a pandemia, é que, no fundo, a sociedade é uma só. “O contágio de uma pessoa na Rocinha é o contágio de outra no Leblon, e de outra em Paris”, afirmou. Esse é mais um desafio da longevidade, na opinião do médico: “Na medida em que entendemos que a sociedade é uma só, percebemos que dependemos uns dos outros para construir um sistema que funcione, e apenas se isolar não vai salvar ninguém”. A sociedade que envelhece também precisa ser pensada como um todo, segundo ele. “Se o sistema de saúde for bom, tem que ser universal, atender a todos. Esse é o princípio do SUS”, completou Kalache.

O matemático e especialista em *mindfulness* Gil Sant’Anna também integrou a discussão sobre o tema. Criador do Programa de Atenção e Resiliência Acadêmica, ele disse que a resiliência é um traço de personalidade e que algumas pessoas nascem mais resilientes do que outras, mas de qualquer forma isso pode ser melhorado com treino especializado. “A forma como criamos redes de apoio e as estratégias de autoconhecimento, capazes de ativar nossas redes de calma, paz e relaxamento, fazem diferença no desenvolvimento da resiliência”, explicou. Muitas dessas redes vêm da família, do círculo de pessoas que cuidam ou cuidaram de nós, lembrou Portocarrero-Gross.

Kiran Rabheru, professor de psiquiatria da Universidade de Ottawa e diretor científico do ILC Canadá, observou que a palavra “cuidado” foi dissociada do sistema de saúde. “Quando as pessoas são hospitalizadas, muita coisa é feita por elas, mas falta o lado humano, do cuidado. “ Monica Perracini concordou, afirmando que saúde, hoje, “é uma somatória de procedimentos, sem um foco no cuidado; temos de mudar isso”.

Quanto ao idadismo, destacou o fenômeno, citando episódios marcantes ocorridos no Canadá durante a pandemia: “Muitos viram lhes ser negado o direito de receber cura e cuidado”, afirmou. “Como seres humanos, temos que ter cuidado uns com os outros. O que nos diferencia é essa habilidade.”

Monica observou que, numa sociedade que envelhece

rapidamente, os governos precisam ser cobrados. Do contrário, “não vamos sair do lugar, não vamos alcançar tudo o que precisamos”, destacou. O cuidado, segundo ela, deve voltar ao sistema de saúde. E isso vale para todos os países, mesmo os mais sofisticados. Kalache reforçou o alerta: “Vimos que, quando há uma crise, ninguém está preparado. Essa pandemia tem que servir como um ensaio, porque outras crises virão”, alertou. Para finalizar, enfatizou que, ao contrário do que a OMS pretendia legitimar, o envelhecimento não é doença. Nos lares para idosos e nos hospitais, dizer que o envelhecer é uma doença pode ter impacto extremamente negativo. “Envelhecimento é um privilégio”, disse.

Karla Giacomini foi convidada a falar sobre o Prêmio Zilda Arns, que recebeu por seu trabalho na Frente Nacional de Fortalecimento à ILPI. Karla afirmou que contou com apoio do ILC, destacando que o envelhecimento tem de ser pensado de forma coletiva. Monica Perracini ressaltou o caráter ativista do ILC para uma série de conquistas tão necessárias para uma sociedade que envelhece. “Temos que fazer ativismo e pressão, sim, mas tudo com ternura”, finalizou Kalache.

Manoel Peres, da Bradesco Seguros e Bradesco Vida e Previdência, trouxe uma mensagem no encerramento do último encontro do IX Fórum: “Nós nos dedicamos a cuidar da saúde e da prevenção de milhões de pessoas, para que suas vidas sejam mais longevas”, assegurou. Segundo Peres, ao falar de longevidade é preciso lembrar o quanto a qualidade de vida é importante, e que essa cultura começa no presente. “Trata-se da construção de um envelhecimento saudável, individual e coletivamente; por isso, devemos cuidar uns dos outros, rumo a um envelhecimento ativo.”

Realização



Patrocínio



Apoio



RELAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO FÓRUM

4 DE NOVEMBRO – OS DESAFIOS DO IDADISMO

Mediação:

Alexandre Kalache, presidente do ILC-BR

Vídeo internacional: Amal Abou Rafeh, chefe do Programa sobre Envelhecimento das Nações Unidas – ONU, Nova York

Debatedores do ILC-BR (“prata da casa”):

- Marília Berzins, do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE), São Paulo
- Egidio Dorea, Universidade de São Paulo, USP
- Mauricio Einstoss, coordenador do projeto ILC-BR contra o idadismo
- Yeda Duarte, da Faculdade de Saúde Pública da USP

Especialista internacional: José Carreira, do movimento Stop Idadismo, Viseu, Portugal

Conclusão e “take home messages”

- Marília Louvison
- Lilian Liang

11 DE NOVEMBRO – SOCIEDADE PARA TODAS AS IDADES

Mediação:

Karla Giacomini, vice-presidente do ILC-BR

Vídeo internacional: Jody Shue, do Age-Friendly Institute, Boston, EUA

Debatedores do ILC-BR (“prata da casa”):

- Ina Voelcker, BAGSO, Alemanha
- Marcos Fontoura, engenheiro da BH Trans,

Prefeitura de Belo Horizonte, MG

- Emílio Moriguchi e João Senger, do Grupo de Veranópolis, Instituto Moriguchi, Porto Alegre, RS
- Daniele Vieira, da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Especialista internacional: Silvia Gascon, da Universidade Isalud, Buenos Aires, Argentina

Conclusão e “take home messages”:

- Antonio Caldeira, do Conselho Municipal do Idoso de São José do Rio Preto, SP
- Berenice Werle, do Instituto Moriguchi, Porto Alegre, RS

18 DE NOVEMBRO – DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Mediação:

Alexandre Kalache, presidente do ILC-BR

Vídeo internacional: Sofiat Akinola, da Roche Diagnostics e do Fórum Econômico Mundial, Genebra, Suíça

Debatedores do ILC-BR (“prata da casa”):

- Alexandre Silva, da Universidade de Jundiaí, SP, e colunista do UOL
- Milton Crenitte, Unidade de Sexualidade e Envelhecimento da USP
- Yuri Fernandes, jornalista e roteirista

Especialista internacional: Michael Adams, do SAGE – Advocacy and Services for LGBTQ+ Elders, Nova York, EUA

Apresentação do livro LGBT e Envelhecimento

- Daniel Azevedo, SBGG-RJ
- Diego Felix Miguel, ONG “Eternamente Sou”
- Michael Adams, SAGE

25 DE NOVEMBRO – PROTEÇÃO E SEGURANÇA

Mediação:

Alexandre Kalache, presidente do ILC-BR

Vídeo internacional: Margaret Gillis, presidente do ILC Canadá e copresidente da Aliança Global de ILCs

Vídeo corporativo: Jorge Nasser, diretor-presidente da Bradesco Vida e Previdência e da Bradesco Capitalização

Debatedores do ILC-BR (“prata da casa”):

- Ines Rioto, gerontóloga e autora do livro *Envelhecimento e Moradia*
- Mórris Litvak, CEO da MaturiJobs, São Paulo, SP
- Karla Giacomini, vice-presidente do ILC-BR, Belo Horizonte, MG
- Maisa Kairala, médica geriatra

Especialista internacional:

- Silvia Perel-Levin, chair do NGO Committee, ONU, Genebra, Suíça

Conclusão e “take home messages”

- Laura Machado, psicóloga
- Ana Amélia Camarano, IPEA, Rio de Janeiro, RJ

2 DE DEZEMBRO – SESSÃO CONJUNTA COM O ILC DO REINO UNIDO

Introdução:

Alexandre Kalache, presidente do ILC-BR

Recalibrando o envelhecimento:

Como será o futuro do envelhecimento?

- Nancy Kelley, Stonewall Institute, UK
- Lidia Best, National Association of Deafened People, UK
- Sophia Kleanthous, ativista, London, UK
- Barbara Burton, fundadora do Behind Brass, UK
- Kate Jopling, consultora de Política e Estratégia, UK
- Alexandre Kalache, presidente do ILC-BR

Isso não está certo: desafiando a discriminação em um mundo cada vez mais diverso

- Ashton Applewhite, autora e ativista

Keynote speaker:

- Elizabeth White, autora e ativista

Olhando para além do horizonte: o debate internacional e o que virá em seguida

- Jean Accius, da AARP e vice-presidente sênior da Global Thought Leadership
- Susana Harding, ILC Cingapura

9 DE DEZEMBRO – DESENVOLVENDO UMA CULTURA DO CUIDADO

Mediação:

Alexandre Kalache, presidente do ILC-BR

Vídeo internacional: Debra Whitmann, vice-presidente da AARP; co-chair do Global Future Council, Fórum Econômico Mundial, Genebra, Suíça

Debatedores do ILC-BR (“prata da casa”):

- Monica Perracini, Unicid, São Paulo, e consultora da OMS
- Fernando Aguzzoli, jornalista e escritor, Porto Alegre, RS
- Fernando Genaro, psicanalista, Belo Horizonte, MG
- Eberhart Portocarrero-Gross, médico de família
- Gil Sant’Anna, mindfulness e neurociência

Especialista internacional: Kiran Rabheru, professor da Universidade de Ottawa, Canadá

Conclusão e “take home messages”:

Karla Giacomini, vice-presidente do ILC-BR

Vídeo institucional: Manoel Peres, presidente da Bradesco Saúde e da Mediservice